



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2364 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 05 - Estado e Política Educacional

**INDISCIPLINA E/OU VIOLÊNCIA: ANALISANDO OCORRÊNCIAS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DO INTERIOR PAULISTA**

Larissa Barbosa Ferreira - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

Esse resumo tem como objetivo analisar as ocorrências de indisciplinas e violências de estudantes de uma escola estadual, entre 2012 e 2013 com intenção de identificar nos Livros de Ocorrências Escolar (LOE) as ocorrências mais frequentes. Na perspectiva metodológica, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de violência, violência escolar, indisciplina, levando em consideração o Programa Sistema de Proteção Escolar das escolas estaduais do estado de São Paulo; e na parte empírica, por meio de análise documental, identificamos nos LOE casos de indisciplina e violência da escola pesquisada. Ao considerarmos os dados elaborados duas categorias de análises: "O estudante e a escola: o desinteresse pelo ensino e aprendizagem"; e, "Desrespeito e incivildade: mais ocorrências de indisciplinas e poucas de violências. Com as análises podemos concluir que a falta de interação e de um pensar coletivo entre todos os envolvidos com a escola, de um trabalho na perspectiva democrática, a vontade de quebrar as relações de poder, reflexões sobre o que acontece no ambiente escolar, não permite uma articulação e um diálogo franco com possibilidade de estruturar novas práticas. Desta forma, a chance da escola perpetuar suas condutas e punições sem grandes resultados é muito maior.

**INDISCIPLINA E/OU VIOLÊNCIA: ANALISANDO OCORRÊNCIAS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DO INTERIOR PAULISTA**

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as ocorrências de indisciplinas e violências de estudantes de uma escola estadual, entre 2012 e 2013 com intenção de identificar nos Livros de Ocorrência Escolar (LOE) as ocorrências mais frequentes. Na perspectiva metodológica, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de violência, violência escolar, indisciplina, levando em consideração o Programa Sistema de Proteção Escolar das escolas estaduais do estado de São Paulo; e na parte empírica, por meio de análise documental, identificamos nos LOE casos de indisciplina e violência da escola pesquisada. Ao considerarmos os dados elaboramos duas categorias de análises: o estudante e a escola: o desinteresse pelo ensino e aprendizagem; e, desrespeito e incivildade: mais ocorrências de indisciplinas e poucas de violências. Com as análises podemos concluir que a falta de interação e de um pensar coletivo entre todos os envolvidos com a escola, de um trabalho na perspectiva democrática, a vontade de quebrar as relações de poder, reflexões sobre o que acontece no ambiente escolar, que não permite uma articulação e um diálogo franco com possibilidade de estruturar novas práticas. Desta forma, a chance da escola perpetuar suas condutas e punições sem grande resultados é muito maior.

**Palavras-chave:** violência; violência escolar; indisciplina escolar; políticas públicas educacionais.

### Introdução

A violência tem ocorrido nos mais diversos espaços da sociedade brasileira, e possui lugar de destaque na vida cotidiana das pessoas. Em pesquisas recentes (ABRAMOVAY, WAISELFSZ, ANDRADE & RUA, 2004; ADORNO, BORDINI & LIMA, 1999; PINHEIRO & ALMEIDA, 2003) comprovou-se o crescente envolvimento de jovens com a violência, sendo eles vítimas e ao mesmo tempo agressores.

A violência é um fenômeno social complexo, e em suas múltiplas formas de manifestação deve ser compreendida sempre como um fenômeno social (CAMPOS, TORRES & GUIMARÃES, 2004; MOSER, 1991; VELHO, 2000). Ela existe num determinado contexto e se efetiva na relação com o outro.

Apesar das dificuldades de delimitação conceitual, parece consensual entre os pesquisadores (MICHAUD, 1989; VELHO, 2000; WIERVORKA, 1997) a concepção de violência como fenômeno multifacetado, sendo que este assume formas e sentidos variados, conforme o momento histórico e a cultura em que é produzido.

O tema deste trabalho está relacionado com a violência e indisciplina no ambiente escolar. Mais precisamente, a questão da indisciplina e das violências em escolas estaduais do estado de São Paulo, principalmente, depois da implementação do programa Sistema de Proteção Escolar.

A decisão de escolha por este objeto de pesquisa surgiu pelo envolvimento e participação do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação: Participação Democrática e Direitos Humanos – GEPEPDH*. Os dados aqui apresentados foram defendidos pelo Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2017 pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Tratando-se de um estudo que envolve violência. De maneira geral, ela se manifesta como uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência. Suas ocorrências são consequência das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, da crise de autoridade do mundo adulto ou da fraca capacidade demonstrada pelos profissionais de criar mecanismos justos e democráticos de gestão da vida escolar.

Neste sentido, cabe à instituição escolar refletir e discutir temas que afligem a humanidade em seu cotidiano, dentre os quais se destacam a violência, suas formas de prevenção e as possíveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente.

Portanto, foram colocadas as seguintes questões de pesquisa: quais são as situações de indisciplinas e violências nesta escola? Quais são as situações que mais são frequentes nos Livros de ocorrência?

### **Universo da pesquisa**

Esta pesquisa qualitativa teve seus dados coletados no ano de 2014, em uma escola estadual do interior Paulista, num bairro de classe média baixa, que atende cerca de 900 alunos, isto é, disponibiliza vagas de Ensino Fundamental de 1º a 9º ano, Ensino Médio e EJA.

Caracterizando a escola pode-se definir que ela possui uma diretora, uma vice-diretora e uma coordenadora para cada etapa escolar, além de uma média de 40 professores, uma funcionária PCAG (Professor Coordenador de Apoio à Gestão) e uma PMEC (Professor Mediador Escolar e Comunitário). Ela também conta com um Conselho Escolar consolidado, além da Associação de Pais e Mestres e um Grêmio Estudantil.

O primeiro contato com a escola foi por meio de uma reunião do GEPEPDH para o projeto geral. Das informações relevantes da pesquisa obteve-se, pela Professora Mediadora Escolar Comunitária (PMEC), que a escola possui duas formas de registro de ocorrências de conflitos: uma Pasta de Ocorrência, na qual os professores e funcionários preenchem um relatório simplificado. Esse registro é escrito pelos professores e funcionários e encaminhado à PMEC para eventuais providências em relação ao assunto. Não existe o arquivamento desses dados, sendo que a cada ano (término do período letivo), eles são descartados. De acordo com a PMEC, não há a necessidade de guardar estes documentos, uma vez que as situações já foram resolvidas no momento e ela não julga importante guardá-los.

O segundo tipo de registro de ocorrências se dá pelo Livro Preto (LP). O Livro Preto é um caderno pautado de capa preta, na qual as principais ocorrências são registradas desde o ano de 2011. O LP não possui uma ordem específica, ou uma sistemática para o seu preenchimento, ele é registrado exclusivamente pelas diretoras e pela PMEC. Este livro é preenchido, de forma geral, com frases simples, constando apenas a assinatura de quem registrou e alguns anexos, tais como cartas de transferência ou registros de suspensão escolar. Esse material fica arquivado na mesa da diretora e somente ela, ou a vice, têm acesso direto.

### **Objetivos e Procedimentos metodológicos**

A pesquisa teve como objetivo geral identificar e analisar as ocorrências de indisciplinas e violências de estudantes em uma escola estadual, no período de 2012 e 2013, utilizando os Livros de Ocorrência Escolar (LOE).

Foi levantada como hipótese de que os LOE sempre foram utilizados como instrumentos de controle e proteção da escola e que, na atualidade, poderia assumir outras funcionalidades, as quais se evidenciarão nos registros.

### **Forma de coleta e análise de dados**

A coleta se iniciou no 1º semestre de 2014 com a duração de três meses. Como o LP possuía registros desde 2011 e a Pasta de Ocorrência somente de 2013, foi estipulada a análise dos dados 2012 e 2013, que eram na época os mais recentes. Logo nos primeiros contatos com os LOE, foi necessário criar uma planilha para o levantamento de dados.

Nessa planilha foi estipulado as seguintes dimensões para caracterizar as ocorrências: fonte, ano, turno, ano/série, turma, nome, data da ocorrência, ocorrência, quem registrou, providência tomada, acompanhamento dos pais/responsáveis, observação.

### **Dados coletados**

Após a compilação dos dados, foi crucial sistematizá-los sem prejudicar suas especificidades, isto é, perder a riqueza dos registros. Assim, foram agrupadas e categorizadas um total de 24 dimensões de análise:

ESCOLA 2	Livro Preto						Pasta de Ocorrências			
	Ano: 2012		Ano: 2013		Total Biênio		Ano: 2013		Total Ano 2013	
	Quant. de ocorrências	%								
Uso de equipamentos	4	12,5	53	24,5	57	23,0	1	1,7	54	19,6
Ações inadequadas - convivência social	9	28,1	27	12,5	36	14,5	15	25,0	42	15,2
Circulação	0	0,0	27	12,5	27	10,9	10	16,7	37	13,4
Agressão física	4	12,5	22	10,2	26	10,5	6	10,0	28	10,1
Desrespeito aluno/aluno	5	15,6	20	9,3	25	10,1	5	8,3	25	9,1
Desrespeito ao professor	6	18,8	6	2,8	12	4,8	15	25,0	21	7,6
Objetos inadequados	0	0,0	11	5,1	11	4,4	1	1,7	12	4,3
Agressão não especificada	0	0,0	11	5,1	11	4,4	0	0,0	11	4,0
Desrespeito aos funcionários e equipe gestora	2	6,3	10	4,6	12	4,8	0	0,0	10	3,6
Conversas/gritos/ruidos	1	3,1	2	0,9	3	1,2	6	10,0	8	2,9
Outros	0	0,0	6	2,8	6	2,4	0	0,0	6	2,2
Vestuzário	0	0,0	6	2,8	6	2,4	0	0,0	6	2,2
Tarefas	0	0,0	3	1,4	3	1,2	1	1,7	4	1,4
Danos ao patrimônio público	0	0,0	3	1,4	3	1,2	0	0,0	3	1,1
Não prestar atenção nas aulas	0	0,0	3	1,4	3	1,2	0	0,0	3	1,1
Substâncias proibidas	0	0,0	3	1,4	3	1,2	0	0,0	3	1,1
Alimentos	1	3,1	2	0,9	3	1,2	0	0,0	2	0,7
Desrespeito ao aluno	0	0,0	1	0,5	1	0,4	0	0,0	1	0,4
Ações positivas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Agressão verbal	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Dormir	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mapa de sala	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Problemas de aprendizagem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Relações	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>100</b>	<b>216</b>	<b>100</b>	<b>248</b>	<b>100</b>	<b>60</b>	<b>100</b>	<b>276</b>	<b>100</b>

Tabela1. PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIAS, POR DIMENSÃO, NO ANO DE 2012 e 2013

### Dimensões que mais se destacaram

As cinco dimensões que mais se destacaram referiam-se às seguintes questões: ações inadequadas – convivência social (28%); uso de equipamentos (20%); desrespeito ao professor (19%); desrespeito aluno/aluno (16%); circulação e agressão física (13%), conforme vemos no Gráfico 1:

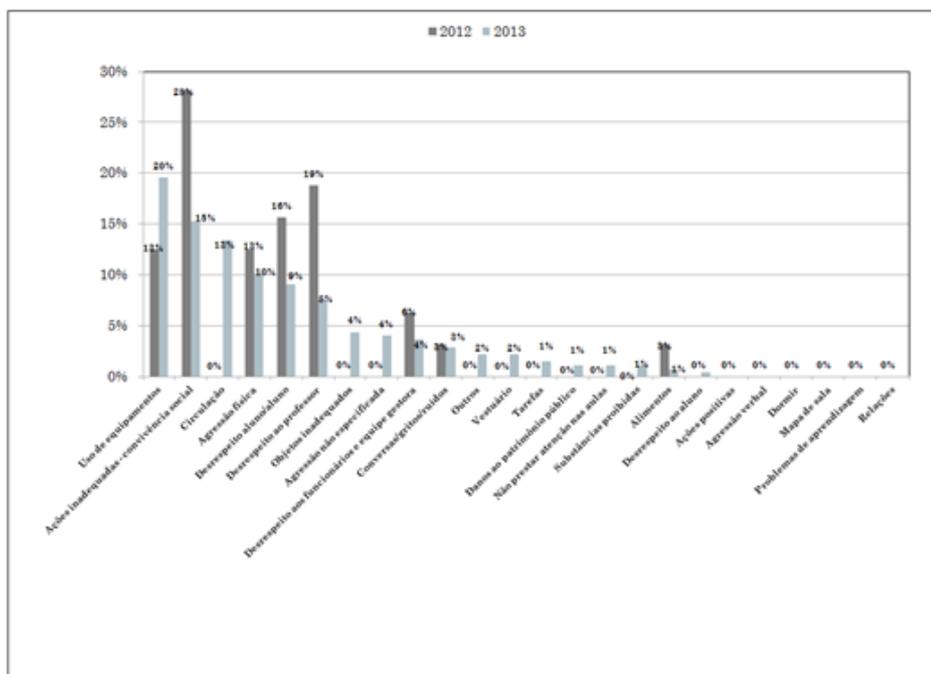


Gráfico 01: Porcentagens das ocorrências da escola em 2012 e 2013

### Análise dos dados coletados

A partir dos dados coletados pela Pasta de ocorrências (2013) as ocorrências mais significativas foram:

- Ações inadequadas-convivência social (25%): na maioria dos registros compreendidos nesta dimensão, ficou evidente o uso do termo *indisciplina*, porém, não foi evidenciado nestes registros o que os educadores que os fizeram entendiam por indisciplina, bem como não foram colocados exemplos nos apontamentos. O que seria apontados por eles foram: discussão entre alunos, atitudes inadequadas, e ações que atrapalham o andamento da aula;
- Desrespeito ao professor (25%): situações nas quais foram registrados instantes compreendidos pelos educadores como desrespeito, partindo-se desde uso de vocabulários baixos, até não levar o material correto para a sala, não prestar atenção às aulas, entre outros. Sem exemplificação exata, apontamentos como: “desrespeito ao professor”

- ou “não respeita o professor”;
- Circulação (16,7%): registros de ocorrências de deslocamento de alunos durante as aulas e atividades, tais como *andar pela sala de aula, assistir aula em outra série/ano*, entre outros;
  - Agressão física (10%): registros nos quais foi retratada alguma investida corporal de um sujeito em relação a outro, sendo que essa ocorrência foi mais evidente entre os alunos. Dadas como: socos entre alunos, empurrões, bater nos demais;
  - Desrespeito aluno/aluno (8,3%): ocorrências de conflitos entre alunos, que não se enquadraram – na visão dos pesquisadores – como agressões de ordem física e oral. Ocorrências como: sujarem os demais, linguagem inadequada entre eles, “não respeitar os colegas”, este último não fica claro o que significa falta de respeito para os educadores;

As demais tiveram pontuações baixas ou não pontuaram.

Já no Livro Preto (2012/2013) as que mais se destacaram foram:

- Uso de Equipamentos (23%): registros de momentos em que foram utilizados equipamentos pelos alunos que não condiziam com o material necessário à aula na visão dos educadores e do regimento escolar;
- Ações inadequadas de convivência social (14,5%), que se dá por comportamento inadequado em sala de aula, indisciplina, bagunça e provocação de situações assumidas por eles como desagradáveis;
- Circulação de alunos (10,9%), ocorrências de casos de alunos que assistiram aula em outras séries/anos, que correram pelas dependências da escola, que saíram sem autorização e não entraram após o sinal;
- Agressão física (10,9%), registros de casos dos alunos que deram tapas, socos e empurraram uns aos outros, assim como situações em que eles “se machucaram”;
- Desrespeito aluno/aluno (10,5%), ocorreu situações em que alunos jogaram comida uns nos outros, dentro da sala de aula e na hora da merenda escolar, além de água, cola e tinta guache.

Comparando-se os dados obtidos através dos registros nos *Livros de Ocorrências* dos anos de 2012 e 2013 e da *Pasta de ocorrência* do ano de 2013, notou-se que as seis dimensões de análises com maior incidência em ambos os anos foram: uso de equipamentos; ações inadequadas - convivência social; circulação; agressão física; desrespeito aluno/aluno; desrespeito ao professor.

Dentre as dimensões que foram pouco ou não foram registradas destacam-se: dormir; alteração do mapa de sala; problemas de aprendizagem; agressão verbal; relações; ações positivas; desrespeito ao aluno e alimentos.

Os LOE não se configuravam como a única fonte de evidências de conflitos escolares por conta de nossas observações e conversas com a PMEC e coordenadoras, mas estas não foram registradas.

### **Categorias de análise**

Apresenta-se duas categorias de análise que foram desenvolvidas com a intenção de alcançar o objetivo geral desenvolvido: identificar as ocorrências de indisciplinas e violências de estudantes em uma escola estadual, no período de 2012 e 2013. Foi a partir desta análise que os dados levantados se constituíram em reflexão sobre a realidade escolar.

O estudante e a escola: o desinteresse pelo ensino e a aprendizagem

Apesar de não estar registrado literalmente a desmotivação ou desinteresse dos alunos na sala de aula e no sistema de escola que estão inseridos, ao averiguar as ocorrências de forma quantitativa, várias dimensões se encaixaram, como por exemplo: uso de celulares; jogar baralho durante a aula; conversar; entre outros.

Hoje existe uma gama de informações e/ou conhecimentos que podem ser encontrados com facilidade via internet, o que compromete o interesse dos alunos pelos conteúdos tratados em sala de aulas.

É importante ressaltar que há registros que os educadores pensam sobre o uso do celular de formas diferentes, se enquadra em desrespeito ao professor ou ações inadequadas, por exemplo, e também na forma de punição, quando o aparelho era entregue no final da aula e outras vezes o aluno era suspenso.

De acordo com Aquino (1998), o professor deveria ser o mestre responsável por levar os conhecimentos aos alunos; os educadores têm a falsa impressão da falta de interesse dos alunos em aprender, quando na verdade o que geralmente acontece é um distanciamento dos professores ao que é recente e contemporâneo.

Nesse sentido, a escola deveria assumir um comportamento de coparticipante nesse processo de ensino e aprendizagem, introduzindo as novas gerações novos conhecimentos. Para isso, necessita estar aberta ao diálogo junto à comunidade escolar, principalmente, os estudantes.

Foi encontrado nos LOE pesquisados, frases que justificam o fracasso escolar, tais como: [ele/o aluno] “não quer realizar; não quer fazer exercício; não coopera e não participa em sala”. Há uma singularização da responsabilidade por esse fracasso, apenas o estudante e sua família contribuíram para isso, e não da escola (professor e equipe gestora).

Esse sentimento de impotência pode ser percebido em pesquisa feita por Vergna e Luiz (2016), em que os educadores esperam dos seus alunos atitudes que eles tinham nos tempos de suas escolaridades. Desta forma, existe uma expectativa de que seus alunos “comportem-se” da mesma maneira que eles viveram a tempos atrás.

Professores adotavam uma postura defensiva em relação a essas atitudes e acusavam os alunos de desinteressados, não vendo que as situações de indisciplina eram formas de resistência a este sistema imposto a eles.

Por fim, percebe-se que a falta de interação e de um pensar coletivo entre todos os envolvidos com a escola, com um trabalho na perspectiva democrática, a fim de quebrar as relações de poder, com reflexões sobre o que acontece no ambiente escolar. Não permitindo um articulação, nem um diálogo franco, com possibilidade de estruturar novas práticas. Desta maneira, a escola perpetua suas condutas e punições sem grande resultados.

Desrespeito e incivildade: mais ocorrências de indisciplinas e poucas de violência

Verificou-se poucos registros de ocorrências violentas na escola. Isso significou pensar que, ou havia ausência delas no contexto escolar, ou a escola não teve interesse em registrá-las, pois poderiam se tornar provas e seria necessário desdobramentos.

O conceito de incivildade se enquadraria melhor para definir o que as escolas chamam de situações de indisciplina e violência. Definindo-se por: pequenas violências e agressões verbais ou condutas de pouca "cortesia" e as contravenções a ordem estabelecida, isto é, ao desrespeito, a falta de consideração do alunos com um profissional da escola, e estas não podem ser definidas igualmente as ações delinquentes e criminosas (CHARLOT, 2002; DEBARBIEUX, 2002).

É evidente no Livro Preto e a Pasta de Ocorrências as contradições a respeito dessas definições, visto que o uso de palavras, por exemplo, para alguns professores era caso de violência e não simplesmente uma agressão verbal. Nos registros de ocorrências, confirmamos que a agressão física correspondem a 13 % das ocorrências vistas na Pasta de Ocorrências e no Livro Preto no ano de 2013. No mesmo ano, a agressão verbal pontuou zero tanto na Pasta de Ocorrências como no Livro Preto.

Há uma compreensão pela sociedade de que o espaço escolar hoje é violento, sobretudo por conta da mídia, que tem incentivado essa perspectiva. Segundo Charlot (2002), o papel da mídia na divulgação da violência na escola e na formação da opinião pública a respeito disso, no sentido de vitimizar a escola e incriminar os estudantes, esquecendo-se das tensões sociais, institucionais, relacionais e pedagógicas, nas quais cada unidade escolar está inserida.

Mas, ao contrário do que afirma a mídia e a própria política pública da SEE, que implementou um Sistema de Proteção Escolar por conta do aumento da violência na escola, e por nossas análises, mesmo sendo um estudo de caso de uma única escola, ele nos revela em seus registros escritos que as violências não são frequentes e nem aumentaram nos últimos anos dentro do espaço escolar. No entanto, fica a dúvida com relação aos poucos registros de ocorrências violentas, isto é, houve mesmo ausência de casos, ou a escola resolvia esses conflitos rapidamente, sem registrá-los?

### **Considerações finais**

Espera-se com este estudo contribuir com a instituição pesquisa no esforço de entender sua forma de pensar os jovens que dela fazem parte, e as demais escolas estaduais que são instituições educativas que atuam para formar os jovens estudantes. Acredita-se na viabilização de reflexão pertinente sobre a função da instituição escolar, e no compromisso de promover mais ações e práticas positivas que respeitem e auxiliem os jovens estudantes.

As formas de registro são para as escolas como forma de controle e proteção, algo que na teoria deveria ser guardado, mas entra em contradição, pois normalmente são descartados. Esses registros são tratados como algo meramente burocrático na escola, e não usados como base de uma reflexão voltada para a melhoria das ações do cotidiano escolar.

Sobre as ocorrências pudemos perceber que o uso de equipamentos eletrônicos e comportamentos inadequados se destacam, abrangendo a ideia de desmotivação ou desinteresse dos alunos na sala de aula. Sabemos que as gerações estão mudando, e interesses novos vão surgindo, mas a escola não vem acompanhando esse avanço e nem usando as transformações em seu favor.

Esperamos e temos que agir por uma escola que pense mais no coletivo, trabalhe cada vez mais numa perspectiva democrática, e adotem procedimentos distintos de hoje em relação às ocorrências, como refletir suas práticas e modificar suas ações juntamente com toda comunidade escolar.

### **Referências**

ABRAMOVAY, M., WAISELFISZ, J. J., ANDRADE, C. C., & RUA, M. G. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

ADORNO, S., BORDINI, E. B. T., & LIMA, R. S. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. São Paulo em Perspectiva, 13(4), 62-74, 1999.

AQUINO, J. G. *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 47, dezembro/1998.

CAMPOS, P. H. F., TORRES, A. R. R., & GUIMARÃES, S. P. Sistemas de representação emediação simbólica da violência na escola. Educação e Cultura Contemporânea, 1(2), 109-132, 2004.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n8, jul/dez 2002, p 432-443.

DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E.;

BLAYA, C. (Org.). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas* Brasília (DF): Unesco, 2002. p. 59-92

LUIZ, Maria Cecília; VERGNA, Ariel Cristina Gatti. Análise do discurso de professores e equipe gestora: indisciplina e violência na escola. Anais [ do ] XII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós Graduação em Educação, p. 84-102, 2016.

MOSER, G. A agressão. São Paulo, SP: Ática, 1991.

PINHEIRO, P. S., & ALMEIDA, G. A. Violência urbana. São Paulo, SP: Publifolha, 2003.

RATTO, A. Livros de Ocorrência: (in)disciplina, normalização e subjetivação. São Paulo: Cortez, 2007.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: Uma perspectiva antropológica. In G. Velho & M. Alvito (Eds.), *Cidadania e violência* (pp.11-25) Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.